

Editorial

O lançamento de cada número de uma revista científica é sempre algo a ser saudado com entusiasmo. Trata-se de mais uma contribuição ao rompimento do isolamento daqueles que consagram grande parte da vida ao trabalho intelectual, à construção de novos conhecimentos e à divulgação do resultado de um esforço que, muitas vezes, fica restrito a poucos.

A revista *Pedagogia em Ação*, como algumas outras dessa natureza, é, mormente, uma possibilidade de dar ciência ampla e irrestrita à sociedade em geral dos resultados de estudos e pesquisas. Ela atende ainda a uma das finalidades basilares da Universidade, como promover a desnaturalização do que já está naturalizado, como provocar o debate que revele dissensos e consensos, fundados nos princípios e nos métodos científicos.

Por isso temos o prazer de entregar este novo número da Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia da PUCMINAS, “*Pedagogia em Ação*”. O leitor observará que este volume trata uma diversidade de temas, objetos de estudos e referenciais atuais que importam ao campo da educação. Essa variedade eleva o debate atinente à complexidade da educação na sociedade atual, tomada como a própria vida, como diria Dewey.

Superado o problema que impedia que mesmo os números já publicados permanecessem disponíveis na WEB, a revista tem periodicidade semestral, orientada por um conselho editorial de nível elevado. Em relação ao conteúdo, um grupo de especialistas *ad hoc* aprecia, seleciona e aprova os textos submetidos, de maneira independente e resguardando o anonimato. A revista preserva todo o processo editorial com controle e transparência, fazendo com que seja reconhecida como uma revista acadêmica de excelência, particularmente no campo da Pedagogia e da Educação.

Os textos honram o ambiente acadêmico pela qualidade e relevância dos temas tratados e pelas contribuições baseadas em reflexões fundamentadas e ponderadas. Se tivesse que resumir este número em uma frase, eu diria que apresenta discussões sobre a heterogeneidade da atividade docente, procurando evidenciar como o trabalho docente é realizado em diversas situações e condições de trabalho.

Ela tratará de questões como o processo contínuo de desvalorização ao qual foi submetida a profissão docente, como se pode observar nas últimas décadas, em

decorrência dos baixos salários dos professores, da desprofissionalização e da precarização de seu trabalho. A formação nos cursos de licenciatura tem sido objeto de intensa discussão, tomando como foco a reorganização e a reestruturação desses cursos. Entretanto, o processo está longe de ser revertido, a ponto de ser considerada a complexidade do trabalho docente. A ergologia preconiza que trabalhar é complicado. Que não é simples e nem se pode prever o que será realizado ainda que já esteja tudo prescrito nas normas. Em nossas salas de aula, escutamos que há uma distância enorme entre a formação que proporcionamos aos futuros professores e a realidade com a qual eles se deparam nas escolas. São jornadas de trabalho triplas, turmas com mais de quarenta alunos, alta rotatividade de professores, salário incompatível com a função desempenhada e falta investimento na formação, alunos com grandes vulnerabilidades sociais, fruto do histórico descaso dos representantes eleitos pelo povo e que, para aprender dependem da afetividade do(a) professor(a). Esses e outros fatores contribuem para a desvalorização do trabalho docente.

Considerar a distância entre o prescrito e o real, ou seja, entre o que se planeja e o que se executa na sala de aula, está longe de ser uma realidade na atividade docente. E isso pode ser apontado como um dos principais motivos da baixa realização na profissão e da pouca vontade entre os jovens de ser professor. É preciso enfrentar uma constatação que coloca os professores dos cursos de licenciatura em situação de desconforto, embora não seja responsabilidade deles: nossos professores são mal formados. Muitos fazem cursos de licenciatura a distância, os estágios são realizados em algum período do dia em que os estudantes não estão na faculdade (geralmente 4 horas diárias) ou trabalhando (normalmente 8 horas diárias de trabalho). Tudo isso indica que confiamos que professores mal formados, que muitas vezes têm pouco domínio do conteúdo a ser ensinado, respondam pela formação plena, irrestrita, inclusiva, integral e plural.

Para ser professor em países como a Finlândia, país que apresenta os melhores resultados em Educação no mundo, é necessário fazer um curso de nove mil horas, com sete anos de duração. Um terço dessas horas corresponde ao que, no Brasil, alguns cursos de Pedagogia chamam de residência pedagógica. Em linhas gerais, essa funciona assim: o licenciando ou futuro professor acompanha as atividades de um professor tutor em uma escola e esse tutor se responsabiliza junto com a universidade pela formação do futuro professor.

As problemáticas tratadas neste número de Pedagogia em Ação nos mobilizam a interrogar sobre o projeto de educação escolar que tem orientado as políticas de educação no Brasil e ainda nos levam a inquirir a respeito do valor social da profissão docente e a respeito do modelo de organização desse trabalho que atende aos interesses do setor público e privado. A atividade docente faz parte da vida e atende à sociedade na sua necessidade de humanização.

Desejo que a leitura desta revista seja proveitosa.

Mariana Veríssimo